

## APROXIMAÇÕES E ESTRANHAMENTOS ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA ATRAVÉS DE SARAMAGO.

Elisabete da Costa LEAL<sup>19</sup>

Amanda Basilio SANTOS<sup>20</sup>

**Resumo:** Este artigo intenciona discutir a construção do conhecimento histórico a partir da obra de José Saramago intitulada “*História do Cerco de Lisboa*” de 1989, assim como pensar o alvo deste conhecimento. Começaremos com uma introdução sobre a situação da disciplina histórica para posteriormente nos determos na escrita da História enquanto possibilidade comunicacional do conhecimento histórico, ou seja, pensar sobre para quem é produzido os textos históricos e na efetividade da escrita nos moldes utilizados para propalar as pesquisas produzidas, fazendo reflexões sobre a importância social do conhecimento histórico.

**Palavras-chave:** Teoria. História. Ficção. Escrita. José Saramago.

**Abstract:** *This article intends to discuss the construction of historical knowledge through the book of José Saramago titled “The History of the Siege of Lisbon” from 1989, as well as think the aim of this knowledge. We’ll begin with an introduction to the situation of the historical discipline so that later we can focusing in the writing of history as a possibility of communication of the historical knowledge, that is, think about for who is produced the historical texts and the effectiveness of writing in the lines used to spread the research, making reflections on the social importance of historical knowledge.*

**Keywords:** *Theory. History. Fiction. Writing. José Saramago.*

---

<sup>19</sup> Doutora em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professora do PPG em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). Coordenadora do LAPI (Laboratório de Política e Imagem da UFPeL). UFPeL, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, [elisabeteleal@ymail.com](mailto:elisabeteleal@ymail.com).

<sup>20</sup> Mestranda em História (PPGH - UFPeL), Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP – UFPeL) com Especialização em Artes em andamento (PPGA - UFPeL). Membro do LAPI (Laboratório de Política e Imagem da UFPeL). Bolsista CAPES. UFPeL, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, [amanda\\_hatsh@yahoo.com.br](mailto:amanda_hatsh@yahoo.com.br).

## Introdução

Neste artigo faremos aproximações entre questões historiográficas e o romance “*História do Cerco de Lisboa*” de José Saramago<sup>21</sup>, escrito em 1989. Nesta obra o autor conta a história de Raimundo Silva, um revisor de provas, que tem como tarefa a revisão de uma obra sobre um evento fundamental da História portuguesa que dá título ao livro:

Dos romances de Saramago que tratam da problemática história/ficção, a obra *História do cerco de Lisboa* (1989) é particularmente instigante, pois ela destaca-se, dentro da produção saramaguiana, na medida em que a partir de um episódio bem conhecido da história portuguesa – a conquista de Lisboa aos mouros no ano de 1147 com a ajuda dos cruzados que aportaram em Portugal a caminho da Terra Santa –, José Saramago promove uma reflexão acerca da dimensão discursiva da história e da ficção. Nesse romance, Saramago transfigura ficcionalmente o universo de relatividade e de comprometimento ideológico da escrita da história. Por meio das atitudes e pensamentos do revisor Raimundo Silva, protagonista da obra, evidencia para o leitor que a história deve ser encarada não como um saber objetivo, mas, sim, como uma construção verbal, marcada pela parcialidade e pluralismo. (MATIAS; ROANI, 2008, p. 158).

Estas questões alcançam seu momento definitivo quando Raimundo resolve – por um motivo que não está claro nem para ele mesmo – adulterar o manuscrito que o confiaram, assim, ele acrescenta um simples *não* a uma sentença, de modo que onde antes era afirmado que os Cruzados auxiliaram o Rei Afonso Henriques na Reconquista de Lisboa pelos portugueses dos mouros, agora passa a dizer que os Cruzados *não* participaram do evento. Através deste ato tão simples se passa a questionar o “texto quase sagrado da História do Cerco de Lisboa” (SARAMAGO, 2010, p. 113), o que nos faz pensar na fragilidade dos fatos históricos diante do produtor do conhecimento histórico.

Raimundo então (re)escreve o Cerco, através de um cenário onde os Cruzados não teriam participação e o fim seria o mesmo. Para escrever esta nova versão, que contraria a oficial, Saramago cria um cenário no qual Raimundo se utiliza de fontes medievais, como, por exemplo, a carta de Osberno<sup>22</sup>, uma fonte essencial do Cerco de Lisboa, que auxilia a compor a narrativa literária de Saramago.

---

<sup>21</sup> Escritor português, nascido na pequena freguesia de Azinhaga em 16 de novembro de 1922. Durante sua carreira como escritor publicou muitas obras, dentre elas 18 romances. Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1998. Faleceu aos 87 anos de idade, em Lanzarote, acometido por uma leucemia crônica.

<sup>22</sup> Em latim “*De expugnatione Lyxbonensi*” (Da Captura de Lisboa), é uma das principais fontes utilizadas nos estudos sobre o Cerco de Lisboa. Tal fonte possui autoria atribuída a Osberno, porém há ambiguidades na carta que fazem com que não seja definida a autoria. Versão digital e em português/latim do manuscrito pode ser acessada através do link: <http://catalog.hathitrust.org/Record/000632418>, acessado em 11 de fevereiro de 2016.

As fontes medievais então são utilizadas para dar corpo a uma história alternativa, ficcional, mas apoiada em documentos históricos. O fato de citar e utilizar obras, fontes e marcos históricos imbui mesmo a ficção de um senso de veracidade, tal fato pode ser verificado através de uma rápida busca online sobre questionamentos e dúvidas da veracidade contida no best-seller, *O Código Da Vinci* de Dan Brow (2003) que gerou inclusive vários documentários<sup>23</sup>. Este senso de verdade advém da confiança depositada pela população ao serem utilizadas fontes reais consideradas confiáveis como subsídio para o passado, principalmente se estes elementos lhes forem familiares. Este fenômeno demonstra como uma narrativa bem articulada, alimentada com recursos da realidade humana, geram a sensação de credibilidade. Se isto ocorre com livros claramente ficcionais, o livro de um historiador – alguém assentido de autoridade e credenciado a falar da História humana – pode ser inquestionável, porém, iremos neste momento questionar exatamente esta premissa, assim como o fez Saramago:

Nos romances de Saramago a presença da História assume dois aspectos. Por um lado, os acontecimentos, personagens e espaços históricos, irrompem no universo da narrativa ficcional com grande desenvoltura e naturalidade. Por outro lado, nesses romances ocorre uma outra irrupção: a que repensa esses acontecimentos, personagens e espaços históricos à luz de uma nova realidade histórica e concepção narrativa (ROANI, 1999, p. 33).

Exatamente este modo de repensar a história é o fio condutor deste artigo, e através de Saramago discutiremos algumas questões sobre o fazer histórico e sobre a recepção do produto de nossas pesquisas, os textos historiográficos. Até que ponto o fazer historiográfico se aproxima da literatura e pode com ela crescer?

Podemos aqui caminhar pelo processo da escrita histórica *da primícia ao termo*, pois intencionamos pensar o princípio do processo de escrita da pesquisa histórica, fazendo aproximações entre a História e a Literatura, ao passo que também estaremos salientando os limites destas aproximações, e quando nos referimos ao *termo*, estamos aludindo ao público para quem é destinada a obra do historiador, pensando na efetividade da forma do nosso discurso, ou na necessidade de repensar o modo de exposição dependendo dos objetivos de divulgação do historiador.

---

<sup>23</sup> Para um aprofundamento nesta temática, indicamos a leitura de: ZAVATÁRIO, W. O Impacto de O Código Da Vinci na Mídia. In: **V Congresso de Letras**, 2005. O Impacto de O Código Da Vinci na Mídia, 2005.

## **História e Literatura: onde a arte toca a ciência e a ciência toca a arte.**

Saramago nos traz uma conversa de Raimundo com o historiador cuja obra ele vai revisar, e trata-se de um diálogo bastante interessante:

Recordo-lhe que os revisores são gente sóbria, já viram muito de literatura e vida, O meu livro, recordo-lhe eu, é de história. Assim realmente o designariam segundo a classificação tradicional dos gêneros, porém, não sendo propósito meu apontar outras contradições, em minha discreta opinião, senhor doutor, tudo quanto não for vida é literatura. A história também. A história sobretudo, sem querer ofender (SARAMAGO, 2010, p. 15).

O momento que a disciplina Histórica enfrenta atualmente é muito distante de seus quadros iniciais enquanto ciência. Enquanto os historiadores do século XIX encontravam-se confiantes da objetividade e cientificidade de sua produção, atualmente não poderíamos estar mais oscilantes. É destacado a fragilidade do discurso historiográfico assim como a interpretação das fontes, que sempre será afetada pela subjetividade do sujeito que a analisa. Tais assertivas não seriam aceitas no período da historiografia positivista, que acreditava na neutralidade da escrita e da análise historiográfica (REIS, 2010), e ainda causam incômodo a muitos historiadores, o que transparece no próprio diálogo de Raimundo com o historiador, quando ele compara a História à Literatura, mas “*sem querer ofender*”.

Atualmente o historiador não está mais confinado a registrar datas, fatos e sujeitos, ele deve problematizar o conteúdo de suas fontes “ele raciocina sobre eles, busca a sua inteligibilidade, atribuindo-lhes sentido, pensando as possibilidades objetivas e os seus desdobramentos” (REIS, 2010, p. 26). Este novo papel do historiador vem acompanhado de uma percepção específica sobre o produto de sua pesquisa, o que Barros chama de “consciência da narratividade histórica” (BARROS, 2010, p. 2).

Assim sendo, a História possui um grau de subjetividade que percorre todo o trajeto da escrita historiográfica, pois permeia desde o recorte e a escolha do objeto de pesquisa, passando para a análise, interpretação e escrita final, sem esquecer que as fontes nos chegam de modo parcial, como bem coloca Saramago “o mal das fontes, ainda que verazes de intenção, está na imprecisão dos dados” (SARAMAGO, 2010, p. 124). O conhecimento histórico é, portanto, um conjunto de escolhas – limitadas pelas fontes – do historiador até chegar ao produto final.

A discussão em torno da objetividade e Subjetividades envolvidas na elaboração da História-conhecimento será sempre indispensável à própria formação do historiador, com vistas à construção de uma adequada compreensão sobre o seu ofício e sobre as possibilidades que se abrem no

âmbito da pesquisa e da escritura do texto historiográfico (BARROS, 2010, p. 74-75).

Porém, embora tenhamos destacados aspectos que aproximam a História da Literatura, ela possui compromissos que a ficção não tem obrigações de atender. Pois mesmo com a consciência de que seu trabalho não será a construção narrativa da verdade, o historiador ainda almeja abarcar aspectos do passado que auxiliem a sua compreensão, ainda que não atinja sua totalidade ou o fato ocorrido, e está cingido a produzir um conteúdo que condiga com as fontes que tem a sua disposição, o que impõe um limite interpretativo, embora haja subjetividades e variações de análises, pois desde os *Revue des Annales*<sup>24</sup> o fato histórico é entendido como uma construção (REIS, 2010).

Há um imbricamento entre a História e a Literatura, uma alimentação mútua, pois assim como a Literatura pode ser fonte histórica ou um método de forma de escrita, a História provém contextualização para diversas obras Literárias (MALLARD, 1995), porém a narrativa histórica está sofreada pela necessidade de basear-se nas fontes, no método de análise e em referenciais teóricos, sendo assim a História não pode ser reduzida somente a um aspecto literário por sua produção utilizar-se de recursos narrativos, segundo Ginzburg:

As teses cépticas baseadas na redução da historiografia à sua dimensão narrativa ou retórica circulam já há alguns decênios, ainda que as suas raízes sejam [...] mais antigas. Como de costume, os teóricos da historiografia que as propõem pouco se preocupam com o trabalho concreto dos historiadores. Mas estes, também, depois de fazerem uma homenagem convencional à tendência linguística ou retórica em voga, se mostram bem pouco inclinados a refletir sobre as implicações teóricas da sua profissão. Raramente a distância entre reflexão metodológica e prática historiográfica efetiva foi tão grande quanto nos últimos decênios (GINZBURG, 2002, p. 13-14).

Como Rüsen destaca, a narratividade aproxima a História da Literatura, e os recursos linguísticos constituem o conhecimento produzido pelos historiadores como representação do passado, e não como uma verdade científica, como se pensava no século XIX. Ao mesmo tempo, ele também destaca uma intenção de objetividade, alcançada pelos procedimentos de pesquisa próprios da disciplina; deste modo a produção histórica não é mera opinião pessoal e aleatória (RÜSEN, 1996). Seguindo no pensamento de Ginzburg, o trabalho do historiador é

---

<sup>24</sup> Publicação periódica fundada em 1929 sob o nome '*Annales d'Histoire Économique et Sociale*', trazia novas formulações teóricas e metodológicas sobre a disciplina histórica. Desde sua fundação passou por diversas modificações que podem ser acompanhadas através das Três Gerações que representam o pensamento historiográfico dos Annales.

investigativo e possui obrigações para com as pistas que encontra, que serão a base de sua escrita, o que traz a História mais próximo de uma ciência social e acaba por a distanciar do mundo ficcional:

Se as pretensões de conhecimento sistemático mostram-se cada vez mais como veleidades, nem por isso a idéia de totalidade deve ser abandonada. Pelo contrário: a existência de uma profunda conexão que explica os fenômenos superficiais é reforçada no próprio momento em que se afirma que um conhecimento direto de tal conexão não é possível. Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la (GINZBURG, 1989, p. 177).

Encerramos esta parte do artigo argumentando que há pontos em que a História e a Literatura se tocam, outros em que se distanciam. Porém, a crença na objetividade e na neutralidade da produção histórica encontra-se distante, pois como Rüsen salienta “a pretensão de objetividade efetivada no procedimento acadêmico da cognição histórica é pensada, amiúde, como exalando um certo odor de mofo” (RÜSEN, 1996, p. 101); e, por fim, a escrita historiográfica está atrelada ao contexto de quem a produz, de modo que todo texto histórico torna-se contemporâneo, e “ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição” (BERMAN, 1986, p. 12), portanto, a História não é mais tão objetiva e clara quanto costumava ser considerada, ao mesmo tempo não pode ser considerada arte, assim como a literatura.

Embora haja aproximações, a escrita historiográfica possui um compromisso para com suas fontes de pesquisa, de modo que a retidão de seus métodos deve ser respeitada e clara para seu leitor. Afinal, o historiador não se vale da liberdade ilimitada do literato. Mesmo dentro destas limitações, a História também é uma construção que se apresenta em um suporte escrito e que se mostra mutável diante do contexto de sua produção e diante dos diferentes vieses tomados pelo seu autor ao lidar com seu objeto.

Por fim, gostaríamos de salientar que o livro de Saramago nos traz uma proposta importantíssima, pois assim como os historiadores devem questionar as suas fontes, criticá-las, contextualizá-las e problematizá-las, assim o deve fazer o leitor que se depara com um livro historiográfico. Questionar os dados que lhe são entregues e compreender que dificilmente o que tem em mãos é uma versão unânime da História, mas sim uma construção entre tantas, que não perde valor por esta razão, apenas perderá se não for executada com seriedade, rigor metodológico e teórico, e ética para com as fontes.

## O fato, a escrita e o alvo

Raimundo Silva, protagonista na obra *História do cerco de Lisboa*, nos oferece reflexões importantes para pensarmos o que atingimos, ou intencionamos atingir, quando produzimos História. Ele salienta que no livro que recebe para revisar em “quatrocentas e trinta e sete páginas não se encontrou um facto novo, uma interpretação polêmica, um documento inédito, sequer uma releitura” (SARAMAGO, 2010, p. 39).

Este detalhe, levantado por Saramago por meio de uma observação de Raimundo Silva, é recorrente nos escritos sobre os grandes acontecimentos históricos, tantas vezes estudados e recontados.

Schaff defende que há uma tríade no processo cognitivo que faz parte do procedimento próprio para a produção do conhecimento historiográfico: há um *sujeito que conhece*, um *objetivo do conhecimento* e um *produto do processo* (SCHAFF, 1982).

Tendo consciência desta tríade há, segundo o autor, três maneiras de compreender o processo cognitivo de relação entre eles: modelo mecanicista, onde o objeto é o centro do processo e o sujeito apenas o registra; um modelo idealista, que inverte a ordem, colocando a atenção no sujeito que vê o objeto apenas como sua própria construção; por fim, o modelo da interação, que vê ação do sujeito, porém este encontra-se sob condições específicas, que fazem com que o objeto não seja dominado por pura subjetividade (BARROS, 2010, p. 75-76). Isto reforça o que já vínhamos dizendo sobre uma escrita que não é neutra em um molde científico ideal e positivista, mas ainda assim não é correto afirmar que se transforma em ficção.

Até o momento discutimos o fazer, o processo da escrita histórica, agora intencionamos refletir sobre o alvo desta escrita. Enfim, para quem escrevemos o que produzimos? Escrevemos História para quem é especialista apenas, escrevemos para que nossa pesquisa possa lentamente adentrar o conteúdo curricular nas escolas através dos anos, escrevemos para que as pessoas possam ampliar sua consciência histórica?

Estas questões não são simples de serem respondidas, pois apesar da vontade individual do pesquisador que produz conhecimento histórico, a recepção do que escrevemos nem sempre é frutífera em todas as esferas que esperamos. Aqui saímos apenas do nicho da produção, passamos para o local de circulação da obra.

Mesmo que livros escritos por historiadores geralmente não se tornem *best-sellers*, a História possui agência na sociedade, e Rüsen destaca uma função social muito importante da História:

O conhecimento histórico, dotado de sua pretensão de objetividade, poderia funcionar como orientação cultural para a vida prática – sobretudo política: ele produz uma perspectiva do futuro em função da mudança temporal do passado e a identidade coletiva do grupo a que se dirige, enquanto baseada nas forças ativas constitutivas da história humana (RÜSEN, 1996, p. 84).

Sendo assim, a História pode ser usada socialmente com os mais diversos objetivos, por esta razão que a disciplina ou a escrita histórica foi e continua sendo utilizada por governos como modo de justificativa, autoafirmação, manutenção de poder. Tais usos e manipulações já se mostraram muito eficientes e perigosas, e para verificar estas questões é só observarmos os governos totalitários que se estabeleceram no século XX e utilizaram avidamente de recursos pseudo-históricos para se fortalecerem.

Todavia, o conhecimento histórico consumido pelo grande público, busca releituras do que é produzido na academia, que se mostra pouco fecundo em termos de aliciação popular. Como Roani destaca:

Sempre haverá um público ávido em inteligir os acontecimentos através do manto diáfano da fantasia e da ficção literária que torna os eventos passados acessíveis e as personagens e figuras históricas extremamente humanas na sua condição de heróis, homens ou agentes do processo histórico. Enquanto gênero, a narrativa de cunho historiográfico continua cativando na contemporaneidade uma parcela considerável de leitores, o que pode ser atestado pelo sucesso de público e crítica, alcançado por autores como: Umberto Eco, Marguerite Yourcenar, Salman Rusdhie, L. E. Doctorow, Garcia Márquez, Alejo Carpentier, José Saramago e tantos outros (ROANI, 1999, p. 35-36).

Portanto, a História ainda atrai público, mesmo que o que produzimos academicamente pouco ultrapasse os muros das universidades. Talvez devêssemos nos questionar: se não é o tema, talvez seja a forma em que o apresentamos que causa desinteresse.

No Brasil, aumenta no mercado editorial a busca pela temática historiográfica, mas os livros mais procurados pelo público são os escritos por jornalistas. Por trazerem uma linguagem acessível, com uma narrativa fluída, e uma temática que interessa ao público brasileiro, os jornalistas acabam sendo os principais estandartes da história nacional com o público não especializado. (CAMPREGHERE; LIPPE, 2012).



Embora a História seja a disciplina que estuda “o homem no tempo”<sup>25</sup>, através da escrita que propomos, muitos textos parecem desumanizar o conteúdo que apresentamos. Na obra de Saramago este problema é superado pela liberdade de criação literária:

Saramago procura recontar, por meio de sua imaginação, um pouco a respeito desse soldado, dando vida dentro da ficção a um personagem que a história marginalizou. Para Adriana Alves de Paula Martins (2006), na escrita de Saramago há a necessidade “de propor a reconfiguração da memória coletiva a partir da perspectiva dos marginalizados” (p. 335), conforme se observou com relação a Mogueime. Nessa mesma direção de pensamento, Gerson Roani (2002), ao analisar a obra de Saramago, afirma que, “com efeito, não se fará uma história satisfatória de Portugal, enquanto não se fizer a história das minorias, dos marginalizados pela historiografia oficial: o povo simples, os camponeses, as mulheres” (p. 130). Saramago, em seus romances, tenta fazer um segundo retrato das figuras históricas, tanto os de relevo como os homens e mulheres comuns (MATIAS; ROANI, 2008, p. 165).

Para o historiador, as lacunas preenchidas pela imaginação de Saramago são limitadas, pois não pode exceder livremente o conteúdo de suas fontes, por possuir obrigações com as pistas que chegam às suas mãos. Saramago traz um trecho a respeito no qual diz que na obra do historiador que chegou às mãos de Raimundo não há detalhes íntimos ou pormenores:

Não o tem descrito assim o historiador no seu livro. Apenas que o muezim subiu ao minarete e dali convocou os fiéis à oração na mesquita, sem rigores de ocasião, se era manhã ou meio-dia, ou se estava a pôr-se o sol, porque certamente, em sua opinião, o miúdo pormenor não interessa à história, somente que ficasse o leitor sabendo que o autor conhecia das coisas daquele tempo o suficiente para fazer delas responsável menção (SARAMAGO, 2010, p. 19).

Este parágrafo supracitado demonstra um modo de escrever a História que se interessa apenas pelos grandes cenários, onde se solidifica um sistema de causa e consequência através de um contexto já feito. Saramago ainda afirma que as pessoas só teriam interesse para esta configuração onde escreve que “hoje as pessoas não têm vagar nem paciência para fixar na cabeça pormenores e miudezas históricas” (SARAMAGO, 2010, p. 248).

Nesta formulação que se debruça sobre os “episódios principais” (SARAMAGO, 2010, p. 248) se escreve uma História que versa sobre a humanidade. Porém, os elementos que a tornam humana desvanecem, obscuros atrás de fatos que são agenciados pelas pessoas, mas são escritos de modo que lhes soam externos.

---

<sup>25</sup> Em seu prefácio Marc Bloch traz uma simples definição para a História: “Seu objeto é ‘o homem’, ou melhor, ‘os homens’, e mais precisamente os ‘homens no tempo’”. In: BLOCH, M. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 24.

Em outras palavras, quando se lê determinadas obras históricas sobre o cerco de Lisboa muitas vezes não se é possível criar uma relação efetiva de que se trata de vivências reais, de pessoas reais, que existiram, viveram e sentiram em um determinado local e tempo, assim o leitor não apreende que em um momento da História a Lisboa de hoje um dia foi a Lisboa do Cerco, no mesmo espaço, em um diferente período, que “esta é a cidade que foi cercada [...] esta é a Moura Lisboa” (SARAMAGO, 2010, p. 116).

## **Conclusão**

Como vimos durante este artigo, a produção historiográfica possui aproximações com a literatura que podem deixar muitos historiadores desconcertados em suas convicções de cientificidade. Porém, uma não se confunde com a outra, possuindo objetivos, obrigações e forma diferenciadas, sem comentarmos no público alvo.

Concluindo, salientamos que como historiadores devemos tomar cuidado para não fazer de nossa produção algo inalcançável, inacessível para além de nossos pares, para que nossa obra não ingresse em uma sociedade desinteressada na produção especializada, para um público cego como o almuadem de que nos fala Saramago.

Talvez seja hora de pregar por uma interdisciplinaridade que ultrapasse a produção do conhecimento, e nos aproximarmos de campos que nos auxiliem a comunicar o que produzimos de modo mais efetivo, através de uma cooperação entre disciplinas que almejem a melhoria do conhecimento histórico que chega ao grande público, onde parcerias possam ser construídas para que a História seja de fato acessível.

## **Referências**

BARROS, J. D. História e Literatura: novas relações para os novos tempos. **Contemporâneos**, v. 6, p. 1-27, 2010.

BARROS, J. D. Objetividade e subjetividade no conhecimento histórico: a oposição entre os paradigmas positivista e historicista. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 1, n. 2, p. 73-102, maio/ago 2010.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BLOCH, M. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BORGES, V. R. História e Literatura: algumas considerações. **Revista de Teoria da História**, v. 1, n. 3, p. 94-109, 2010.

CAMPREGHERE, A. L.; LIPPE, P. H. L. História contada por Jornalistas. **Desafios do desenvolvimento**, São Paulo, v. Ano 9, n. 75, 2012. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2865:catid=28&Itemid=23](http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2865:catid=28&Itemid=23)>. Acesso em: 11 Fevereiro 2016.

CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FONSECA, A. A. D.; VARGAS, R. H. O. Fato, trama e narrativa: um diálogo entre o jornalismo e a historiografia. **Intercom**, p. 1-16, 2006.

GARCIA, R. L. (Ed.). **Para quem pesquisamos, para quem escrevemos**: o impasse dos intelectuais. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GIANNATTASIO, G.; IVANO, R. (Eds.). **Epistemologias da História**: verdade, linguagem, realidade, interpretação e sentido na Pós-modernidade. Londrina: EDUEL, 2011.

GINZBURG, C. **Relações de força**: história, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

JÚNIOR, F. P. R. Representação e Narrativa: usos e abusos. **Em Tempo de Histórias**, v. 8, p. 1-16, 2014.

MALLARD, L. **História da Literatura**: ensaios. Campinas: Unicamp, 1995.

MATIAS, F. D. S.; ROANI, G. L. História do cerco de Lisboa: as fontes medievais de José Saramago e a transfiguração literária da história. **Revista Vertentes**, São João Del-rei, v. 32, p. 157-165, 2008.

PEREIRA, M. H. O lugar da História nas relações entre a Universidade e a sociedade. **Práticas da História**, v. 1, p. 215-230, 2015.

REIS, J. C. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: FVG, 2010.

ROANI, G. L. Às voltas com um Não: Saramago (re)escreve o Cerco de Lisboa. **Revista Língua & Literatura**, Frederico Westphalen, v. 1, p. 35-48, 1999.

RÜSEN, J. Objetividade e narratividade nas ciências históricas. **História Revista**, v. 4, n. 1, p. 75-102, 1996.

SANTOS, R. D. Verdade como problema ético: Paul Ricoeur pela obra História, verdade e ética. **Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia**, v. 5, n. 2, p. 116-125, 2014.

SARAMAGO, J. **História do cerco de Lisboa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SCHAFF, A. **Historia y verdad:** ensayo sobre la objetividad del conocimiento histórico. Barcelona: Editorial Grijalbo, 1982.

SCHWARTZ, R.; SCHAUN, A. **Questões historiográficas e metodológicas: historiadores e jornalistas coincidem, entretanto, não se confundem.** 9º Encontro Nacional de História da Mídia, Ouro Preto, p. 1-9, 2013.